



REFLEXÕES ACERCA DO SEXO/GÊNERO NA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA: UMA ABORDAGEM ENSAÍSTICA

Wladimir Ricardi Alves Genuino (UFES)¹
genuino909@hotmail.com

RESUMO: O presente ensaio traz reflexões sobre pontos importantes sobre o fator social sexo/gênero na Sociolinguística Variacionista. Na sociedade, em geral, há valores e diferenças de comportamentos que são esperados para homens e mulheres. Para tanto, baseamos as reflexões deste ensaio no texto *Gênero*, de Myriam Meyerhoff (2006), o qual nos auxilia na compreensão da variável sexo/gênero, bem como a situar as reflexões propostas sobre a diferença entre a terminologia *sexo x gênero*, além de uma breve leitura feita pela autora sobre o *Paradoxo do Gênero*, de Labov (1990, 2001) e a influência de questões pragmáticas da *Indexação Direta e Indireta*, proposta por Ochs (1992) sobre os papéis sociais dos homens e das mulheres. Ao final do ensaio, comentamos sobre a relevância da variável sexo/gênero e o uso do sujeito pronominal no português falado de Vitória/ES.

PALAVRAS-CHAVE: Sexo; Gênero; Sociolinguística Variacionista.

ABSTRACT: The present essay reflects on important points about the social factor sex /gender in Sociolinguistic Variationist. In society, in general, there are values and differences in behaviors that are expected for men and for women. To that end, we base the reflections of this essay through the text *Gender*, by Myriam Meyerhoff (2006), which helps us to understand the sex / gender variable, as well as to situate the proposed reflections on the difference between sex and gender terminology, from a brief reading by the author on the *Gender Paradox* of Labov (1990, 2001) and the influence of pragmatic questions of Direct and Indirect Indexing proposed by Ochs (1992) on the social roles of men and women. At the end of the essay, we commented on the relevance of the sex / gender variable and the use of the pronominal subject in the spoken Portuguese of Vitória / ES.

KEYWORDS: Sex; Genre; Sociolinguistic Variationist.

Introdução

Neste ensaio refletimos sobre pontos relevantes sobre o fator social sexo/gênero, abordado pela Sociolinguística Variacionista.

Para isso, baseamos as reflexões no texto *Gender² (Gênero)*, do livro *Introducing Sociolinguistics*, de Myriam Meyerhoff, London Routledge, 2006, p. 201 – 237.

¹ Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Espírito Santo e Professor da Educação Básica da Secretária do Estado da Educação do Espírito Santo (SEDU).



É sabido que, no que se refere ao gênero ensaio, é imprescindível que o autor eleja algum assunto cuja discussão não esteja esgotada e tão pouco se torne desgastada, uma vez que o ensaio tem por objetivo colocar no centro das atenções, reflexão sobre os pontos relevantes do tema proposto.

Elejo neste ensaio, o fator social sexo/gênero justamente por ser tema sempre presente em discussão nas pesquisas sociolinguísticas variacionistas. Optei por nortear este ensaio amparado pelo texto de Meyerhoff, porém, isso não exclui a possibilidade de inserção de outras leituras significativas relativas ao tema proposto.

É importante salientar o caráter diversificado e abrangente da disciplina sociolinguística. Já no capítulo de *Introdução* do livro em tela, Meyerhoff (2006) afirma que a sociolinguística é um campo de estudos muito vasto e tal área têm se dedicado a descrever as várias maneiras de estudar a língua.

Segundo a autora, muitos linguistas se descrevem como sociolinguistas, entretanto, os sociolinguistas podem ter interesses muito diferentes uns dos outros e podem utilizar métodos muito diferentes para a coleta e análise de dados. De modo geral, a sociolinguística se preocupa com questões como os falantes usam a língua, como as pessoas usam a língua de diferentes formas em diferentes cidades ou regiões, entre outros.

Dadas as considerações introdutórias, destaco na próxima seção, alguns pontos do capítulo *Gênero*, de Meyerhoff (2006), que nos auxiliam na compreensão do fator social sexo/gênero e também a situar as reflexões deste ensaio, a saber: a diferença entre a terminologia *sexo x gênero*, uma breve leitura feita pela autora sobre o *Paradoxo do Gênero*, de Labov (1990, 2001), além da Indexação Direta e Indireta, proposta por Ochs (1992), que envolve questões de ordem pragmática que influenciam nos papéis sociais dos homens e das mulheres. Em seguida comento sobre a relevância do fator social sexo/gênero e o sujeito pronominal no português falado na cidade de Vitória/ES. Logo após, as considerações finais do ensaio.

Gênero

² Realizei a tradução do original deste texto para fins meramente didáticos. Qualquer erro/equívoco é de minha inteira responsabilidade.



Segundo Meyerhoff (2006), já na década de 1980, era comum entre os sociolinguistas descreverem os seus interesses por “língua e sexo”. Entretanto, nos anos seguintes, o termo **sexo** foi sendo amplamente substituído pelo termo **gênero**.

Já aqui, destaco sobre a problemática que se tinha em utilizar apenas o termo *sexo*, que estaria mais voltado para uma característica biológica, ao passo que o termo *gênero*, contemplaria característica ligada à identidade social. A substituição do termo *sexo* pelo termo *gênero* surge da necessidade de expandir a compreensão que se tem a respeito da variável *sexo* e mostra sinais de uma mudança que reflete a complexidade nas relações entre língua e sociedade.

O campo da linguagem e de gênero, além de ser um dos mais dinâmicos em sociolinguística, é caracterizado por muita discussão sobre os prós e contras associados a diferentes formas de conceituar as relações entre língua e sociedade.

A interação entre a língua e as diferentes identidades sociais e pessoais é um problema complexo, uma vez que para realmente se compreender o significado social de qualquer instância de variação da língua, é necessário partir do particular, simultaneamente, mantendo um olhar no contexto mais amplo do que a variação.

Com vigor, o campo tem sido alimentado pela sua íntima ligação com outros ramos das ciências sociais - áreas como a teoria feminista, filosofia, sociologia e antropologia.

Um dos primeiros pontos que Meyerhoff menciona consiste em dizer o que levou os pesquisadores a redefinirem os seus interesses por gênero ao invés de sexo. Este é sem dúvida, também ponto relevante para a reflexão que proponho.

Parece-me que há significância para esta mudança de terminologia e a resposta caminha juntamente com as muitas mudanças ocorridas no campo. Algumas são mudanças na forma como as pessoas pensam sobre identidades sociais, e algumas são mudanças sobre a forma de coleta e análise dos dados pelos sociolinguistas. Estas mudanças estão inter-relacionadas em um nível mais profundo, mas o seu impacto é evidente em diferentes áreas.

É certo que as mudanças ocorridas no que se refere às identidades sociais contempla a diferenciação entre o *sexo* e o *gênero*. A base típica de diferenciação para *sexo*



e *gênero* consiste no fato de que o *sexo* é uma categoria biológica e o *gênero* é uma categoria social e cultural. Em outras palavras, o *sexo* é algo que você tem, e pode ser definido em termos de critérios objetivos, científicos - ou seja, o número de X cromossomos que uma pessoa tem. *Gênero*, por outro lado, é uma propriedade social: algo adquirido ou construído através de suas relações com os outros e através da adesão de um indivíduo a determinadas normas culturais e prescrições.

É comum existir algum debate sobre se os critérios biológicos são supostamente objetos de confiança para dividir uma população em diferentes sexos. Dados os pressupostos culturais que sustentam a distinção *sexo/gênero*, há uma boa chance de que a nossa forma de pensar e diferenciar *gênero* e *sexo* passe por algum tipo de transformação, mas a distinção de biologia vs. cultura ainda é amplamente utilizada no momento.

A mudança da terminologia pode ser inferida pela expansão dos estudos voltados para o feminismo, com foco nas relações de gênero. Há estudos que utilizam a terminologia "sexo", entendendo que o termo recobre (também) o comportamento social, o gênero; há estudos que aparentemente assumem a perspectiva dos estudos de gênero, adotando a terminologia "gênero" (ainda que, na prática, a categorização seja calcada no sexo); há ainda os estudos que abarcam ambos os termos, gênero/sexo, como preconiza Paiva (2004), ou, a mais produtiva em termos de recorrência, sexo/gênero.

Nas terminologias conjugadas, "sexo/gênero" parece ser mais produtiva em termos de frequência, apesar da proposição de Paiva (2004) de "gênero/sexo". Não há, ainda, consenso sobre a ordem dos termos na expressão.

É importante dizer que, no passado, muitas vezes os sociolinguistas encobriam características que ocorriam mais na fala dos homens como variantes "masculinas" e características que ocorriam mais no discurso das mulheres como variantes "femininas". Meyerhoff aponta que há várias razões para esta mudança.

Uma dessas mudanças é uma maior sensibilidade para o fato de que qualquer recurso que provavelmente é mais usado por mulheres em detrimento dos homens, deve, por definição, também ser usado por homens, mas simplesmente com menos frequência.

Outra razão para a mudança consiste em que os sociolinguistas tornaram-se mais interessados em tentar entender o que categorias sociais como "masculino" e "feminino"



significam dentro de qualquer comunidade. Por outro lado, são vistos como sendo constitutivos de diferentes identidades de grupo. Um falante usa uma variante mais do que outra não porque é do sexo masculino, mas porque ao falar assim está constituindo-se como um exemplo de masculinidade, e essa variante é símbolo de masculinidade.

Dessa forma, quando se fala sobre variação, é importante frisar que ela não pode ser apenas um espelho que reflete associações de categoria social de uma pessoa, mas também uma ferramenta através da qual uma pessoa define suas identidades. Gostaria de chamar a relação entre linguagem e categorias sociais, como gênero constitutivo também. Uma vantagem em fazer isso é que a nossa investigação centra-se em todos os aspectos importantes que definem uma comunidade de fala. Com isso, é possível documentar não apenas como as diferenças de fala refletem diferenças sociais, mas também é possível conseguir mais de perto as diferenças normativas dos falantes em relação às atitudes.

Meyerhoff adentra na questão do quadro histórico relacionado aos Princípios de Gênero e de Variação. A autora menciona que embora muitos sociolinguistas prefiram ir além das simples generalizações que dizem sobre as formas que os homens e as mulheres usam a língua, é importante rever algumas generalizações que emergem dos primeiros estudos de dialetos sociais. As generalizações sobre as preferências dos homens e mulheres em uma comunidade de fala podem ser diagnósticos úteis de mudança em progresso.

Em trabalhos anteriores sobre uso e variação linguística, a categorial social "sexo do falante" não foi problematizada porque o empreendimento abrangente era aprender mais sobre a variação linguística de forma a referir-se à mudança da língua e entender melhor que restrições sociais importantes estavam no ciclo de vida de uma mudança em andamento.

Três generalizações sobre gênero e variação linguística foram revistas pela autora através de três princípios, e conforme ela menciona são discutidos mais detalhadamente em Labov (1990, 2001 *apud* Meyerhoff, 2006). A primeira das duas identifica as circunstâncias em que as mulheres são susceptíveis a conduzir os homens ao uso de uma variante padrão semelhante. O último identifica as circunstâncias em que as mulheres levam os homens ao uso de variantes vernáculas.

- *Princípio I. Variáveis sociolinguísticas estáveis: as mulheres usam mais o padrão do que os homens:* Nesse princípio, as mulheres dão mais atenção aos marcadores estilísticos no discurso. Eckert (2000 *apud* Meyerhoff, 2006) justifica isso com o argumento de que as mulheres geralmente fazem maior uso de recursos simbólicos para estabelecer a sua posição e identificação com um grupo social ou a sua oposição a um grupo.

A ideia de que as mulheres são mais conscientes do que é prescrito também é invocado para explicar um fenômeno relacionado a certos tipos de mudança em curso. Isto está resumido no Princípio Ia.

- *Princípio Ia. Mudança em progresso acima do nível de consciência: as mulheres usam mais o padrão do que os homens:* Como o Princípio I, o *Princípio Ia* generaliza através de variáveis nas quais as mulheres usam mais a forma padrão do que os homens.

Há casos em que falantes estão conscientes de uma mudança em progresso e a variante de inovadora é avaliada positivamente na Comunidade (*change from above*) [mudança acima do nível da consciência].

Nesses casos, as mulheres tendem a usar mais a variante inovadora e avaliada positivamente do que os homens.

Os tipos de variáveis que o *Princípio Ia* descreve são marcadores sociolinguísticos, e como se sabe, um marcador é uma variável que as pessoas mostram alguma consciência.

Uma evidência de que eles têm alguma consciência é se há um aumento consistente na frequência de uma variante em estilos mais cuidados ou marcados na fala. Muitas vezes, é também a variante dos membros da comunidade de fala quando solicitado que descreva qual das duas pronúncias ou duas frases é "melhor". Por estas razões, uma variante pode ser descrita como sendo a variante de prestígio, onde a noção de prestígio refere-se ao reconhecimento de prestígio evidente.

- *Princípio II. Mudança em progresso abaixo do nível de consciência: as mulheres usam mais a variante inovadora do que os homens:* Eis outro tipo de mudança em curso: a mudança abaixo do nível da consciência (*change from belows*). Estas são variáveis onde há pouca ou nenhuma evidência clara do deslocamento de estilo. Muitos dos exemplos destes tipos de variáveis envolvem mudanças no sistema vocálico.

Meyerhoff menciona que as generalizações como *Princípios I, Ia e II* são intensamente gratificantes como resumos de um vasto corpo de trabalho, no entanto, os dialetologistas sociais rapidamente perceberam que, quando tomados em conjunto representavam uma espécie de **paradoxo do gênero**. De acordo com estes princípios, as mulheres são mais propensas a usarem formas padrão/prestígio (*Princípios I ou Ia*), e também são mais propensas a usarem formas inovadoras (*Princípio II*). Inicialmente, a sociolinguística tentou contornar o paradoxo, dizendo que essas generalizações subjazem a uma generalização ainda mais ampla e mais abstrata. Ou seja, pode-se dizer que o discurso das mulheres demarca os destinos da comunidade. Assim, para as variáveis estáveis acima do nível da consciência (*change from above*), a fala das mulheres está em conformidade com maior frequência do alvo de prestígio do que a fala dos homens. Para mudanças que ocorrem abaixo do nível de consciência (*change from below*), as mulheres percebem as formas que são o alvo vernacular mais frequentemente do que a fala dos homens. No entanto, Eckert (1989 *apud* Meyerhoff, 2006) apontou que o paradoxo pode ser efêmero e só surge por causa das maneiras que tradicionalmente agrupamos um grande número de indivíduos muito diferentes juntos, pela simples razão de que eles venham a ser do mesmo sexo.

Em vários artigos, Eckert - e sua frequente colaboradora, Sally McConnell-Ginet – fizeram dois pontos que são de relevância.

Eckert e McConnell-Ginet (1992, 1999) observaram que o paradoxo de gênero só é um paradoxo, se puder ser demonstrado que as mulheres que estão liderando o uso das variantes inovadoras são as mesmas que estão usando mais as variantes padrões.

O segundo ponto é mais fundamental, e eles se juntaram em fazê-lo por outros eminentes estudiosos como Elinor Ochs (1992). Eckert e McConnell-Ginet apontaram que todas as mulheres ou todos os homens juntos em uma análise, a identidade de gênero é um fenômeno simples, derivado diretamente do sexo biológico dos falantes. Mas há muito tem sido reconhecido em antropologia e outras ciências sociais que esta maneira de pensar sobre sexo é muito limitada. O argumento aqui é por causa de o gênero ser uma identidade social, emerge, como todas as identidades sociais, nas formas de interagir com os outros. Assim, em muitos aspectos, é uma função das relações e



responsabilidades que são enfatizadas e valorizadas dentro das comunidades particulares que somos membros.

Outra vantagem de ver o gênero como uma categoria socialmente complexa, e não simplesmente como um reflexo de sexo biológico, é a que torna a questão de como o gênero interage com outras identidades sociais uma preocupação central, ao invés de uma questão tangencial (ou lateral). Os pesquisadores defendem essa perspectiva alegando que, se os padrões de variação e uso da língua são analisados à luz de como os indivíduos negociam a sua posição ou lugar dentro das comunidades a que pertencem, em seguida, nossa análise da variação linguística pode informar ainda mais do que as teorias da mudança linguística. Uma melhor compreensão de como o gênero e outras identidades sociais se interliga através de práticas sociais como variação linguística aprofundará nossa apreciação de questões sociais complexas, tais como quem pode exercer o poder em diferentes contextos, e por que eles podem consciente ou inconscientemente escolher diferentes estratégias para fazer isso.

Uma maneira muito útil de abordar estas questões é usar a distinção de Indexação Direta e Indireta de Ochs (1992), isto é, valer-se das características que são o índice “direto” e “indireto” de informação social, e vê-los como estão relacionados com eventos de fala específicos ou práticas discursivas. Acredito que são esses índices de ordem pragmática abordados por Ochs que influenciam questões essenciais sobre os papéis sociais exercidos por homens e mulheres.

Ochs argumenta que, na maioria dos casos, a melhor maneira de entender o que significa uma variante linguística ou maneira de falar particular o gênero é entender como – as posturas, os atos de fala (que são os índices indiretos) - são mais ou menos associados a diferentes membros da comunidade de fala.

Outro desenvolvimento importante no estudo da linguagem e gênero desde o final dos anos 1980 tem sido uma ênfase sobre as performances de gênero dos indivíduos em relação às identidades sociais. Isto está diretamente relacionado com a rejeição de modelos de uso e variação linguística que falam sobre correlações entre variantes linguísticas e falantes como se as identidades sociais fossem simples e deterministas. A visão alternativa enfatiza que o caminho dos papéis de gênero muda



durante a vida útil de um indivíduo, e como em um grupo de homens ou mulheres, as experiências de um indivíduo de 'ser homem' ou 'ser mulher' variarão de acordo com suas histórias pessoais.

A ideia de que os indivíduos podem ser ativamente envolvidos na construção de posições sociais por si tem uma linhagem forte. Na década de 1970, por exemplo, o sociólogo Erving Goffman teorizou o gênero (e outros papéis sociais), como emerge de nosso envolvimento repetido em diferentes atividades através das quais papéis como gênero assumiram o seu significado.

Um foco mais recente no estudo da linguagem e gênero tem sido explicitamente preocupado também com a extensão a qual gênero, identidades e sexualidade estão ligados. Atitudes em relação à importância do mesmo sexo e atração do sexo oposto claramente definem um importante subconjunto das práticas sociais através das quais os papéis de gênero emergem.

Para concluir esta seção sobre a reflexão a respeito do gênero, uma das mais importantes obras sobre a linguagem e gênero, chama a atenção dos leitores para a possibilidade de que as maneiras de falar do gênero estavam ligadas não só às identidades de gênero, mas também às identidades sexuais. Robin Lakoff (2004) falou sobre “linguagem feminina” como sendo característica de não só mulheres, mas também homossexuais e acadêmicos. Os pesquisadores em linguagem e gênero estão cada vez mais voltando a sua atenção não só para descrever as maneiras de falar, mas também generalizar sobre alguns grupos que são excluídos do exercício do poder social.

Na próxima sessão, comento sobre o fator social *sexo/gênero* e o sujeito pronominal no português falado na cidade de Vitória/ES.

O fator social sexo/gênero e o sujeito pronominal em Vitória/ES

No Português Brasileiro (PB), há duas estratégias de uso do sujeito pronominal e podem ser caracterizadas da seguinte forma: *SUJEITO NULO/ZERO/AUSENTE* – caracterizado pela ausência do sujeito pronominal e *SUJEITO EXPRESSO/PLENO/PRESENTE* – caracterizado pela presença do sujeito pronominal, com exemplos para as duas formas no exemplo (1):



(1) E2: Você lê muita revista em quadrinhos?

I: não... eu li uma revista em quadrinhos só porque a professora mandou por causa de um trabalho lá aí revista de quadrinhos só quando eu não tenho nada pra fazer... **EU GOSTO** mais de... ver televisão mexer no computador não **ØGOSTO**³ muito de ler não... só leio quando eu tô com vontade quando não tem nada pra fazer num tem computador num tem televisão aí eu vou pego alguma coisa e leio e fico lendo lá [M- EF- 7 a 14 anos]⁴

Ao estudar o fenômeno expressão do sujeito pronominal no português falado em Vitória/ES, busquei identificar se fatores sociais, tais como sexo/gênero, faixa etária, escolaridade, poderiam atuar sobre o fenômeno investigado. Para este ensaio, comento apenas sobre a variável sexo/gênero.

A julgar pelo fenômeno que está sendo investigado pelo pesquisador, pode ocorrer de algum determinado fator social ou linguístico não vir a ser selecionado pelo programa computacional que auxilia na codificação e tratamento estatístico dos dados.

Na Sociolinguística (assim como nas demais ciências de cunho social), nenhuma variável social está desvinculada das outras variáveis, sejam sociais ou linguísticas. Especialmente, a variável sexo/gênero recobre diferentes nuances sociais e estilísticas.

Para o fenômeno expressão do sujeito pronominal no português falado de Vitória/ES, analisamos 46 entrevistas extraídas do banco de dados que compõem o *Portvix (O português falado na cidade de Vitória/ES - constituído por falantes do sexo masculino/feminino distribuídos em 04 (quatro) grupos de faixas etárias, contemplando crianças, adolescentes, jovens e adultos, além dos níveis de escolaridade fundamental, médio e superior)*.

O *PortVix* constitui-se em um banco de dados que registra os hábitos linguísticos de Vitória/ES e possibilitou o desenvolvimento de pesquisas sociolinguísticas que revelaram algumas características da fala capixaba, contribuindo, assim, para “descrever a variedade linguística da capital do Espírito Santo e colocar luzes para uma comunidade desconhecida por brasileiros e estrangeiros” (YACOVENCO *et al*, 2012, p.803).

³ Sempre que apresentarmos o sujeito nulo nos exemplos, adotaremos o símbolo Ø para indicá-lo.

⁴ As letras entre colchetes indicam o gênero/sexo (M-masculino e F- feminino) e o nível de escolaridade (EF – ensino fundamental, EM - ensino médio, EU- ensino universitário)

Para obtenção dos valores relativos ao fator sexo/gênero, utilizamos o programa computacional *Goldvarb X* (SANKOFF, TAGLIAMONTE e SMITH, 2005). Esse programa auxilia no tratamento estatístico dos dados, analisa múltiplas variáveis e apresenta os cálculos percentuais e os pesos relativos, os quais nos permitem analisar o grau de relevância estatística de uma variável em relação à outra.

Meyerhoff (2006) menciona que alguns trabalhos recentes sobre variação linguística sublinharam que fatores linguísticos têm sido consistentemente encontrados, ao passo que os fatores sociais têm sido considerados relativamente sem importância para a variação e mudança linguística. Isso reforça as discussões inclusive em torno do termo **sociolinguística** e se realmente trata-se de uma ciência que contemple a parte social nos estudos, considerando-se o fato dos fatores linguísticos se sobressaírem muito mais com base na significância do que os fatores sociais em diversas pesquisas realizadas.

Neste ensaio, que contempla a expressão do sujeito pronominal, fenômeno considerado abaixo do nível da consciência social dos falantes, a variável sexo/gênero é um dos fatores sociais analisados e selecionados pelo programa *Goldvarb X*, mostrando-se, portanto, um fenômeno em que fatores sociais também são importantes.

Em uma análise geral, contemplando todas as pessoas do discurso, a variável sexo/gênero foi selecionada pelo programa *Goldvarb X*. Vejamos os resultados obtidos para esta variável na tabela 01.

SEXO/GÊNERO	N	%	PR
MASCULINO	3092/4479	69,0	0,470
FEMININO	3922/5407	72,5	0,525
Input 0.709	7014/9886	70,9	

Tabela 01: Efeito da Variável Sexo/Gênero sobre a expressão do sujeito pronominal

Podemos perceber pelos dados apresentados na tabela 01 a preferência das mulheres pelo uso da forma inovadora (sujeito pronominal exposto) em oposição ao desfavorecimento a esse uso por parte dos homens. Com 3922 ocorrências, uso de 72,5% sujeitos pronominais expostos e peso relativo de 0,525, a tendência reveladora das mulheres sobre o uso da forma inovadora ratifica resultados esperados para esta

variável, conforme apontaram trabalhos como o de Duarte (1995), que analisou o fenômeno expressão do sujeito pronominal na fala carioca.

Na pesquisa de Duarte (1995) intitulada *A perda do princípio “evite pronomes” no português brasileiro*, a fala masculina apresentou 34% de sujeitos nulos e as mulheres aparecem com 25% (p.56,57). Sendo assim, com relação aos sujeitos expressos, na pesquisa de Duarte (1995) os homens apresentaram 66% e as mulheres 75%. Nossos resultados ratificam, portanto, os obtidos por Duarte (1995).

Como já dito, a expressão do sujeito pronominal é considerada um fenômeno abaixo do nível de consciência social dos falantes (*change from below*) (LABOV, 2001). Segundo a proposta de Labov, as mulheres assumem a liderança no que se refere ao uso das formas inovadoras nessa situação.

No trabalho *intitulado Cartas cariocas: a variação do sujeito na escrita informal*, de Paredes Silva (1988), pesquisa que também contemplou estudo da expressão variável do sujeito pronominal, a variável sexo/gênero não foi considerada significativa, portanto, não selecionada pelo programa estatístico utilizado pela autora.

Como podemos verificar na sessão sobre *Gênero*, as mulheres tendem a evitar o uso de variantes estigmatizadas e são mais sensíveis à norma padrão, ao prestígio; ao passo que os homens utilizam a norma não- padrão livremente. Isso de fato é uma verdade, porém, no que diz respeito ao fenômeno sujeito pronominal, necessariamente, não estamos lidando com uma variante considerada estigmatizada. A Gramática Tradicional (doravante GT) preconiza que o ideal é que o sujeito da sentença seja “não expresso” (nulo/ausente). Nesse sentido, caso os falantes optem pelo sujeito pronominal expresso nas sentenças, estariam em desacordo com a norma padrão, contudo, tais escolhas não colocam os falantes como estigmatizados. Nas próprias palavras de Duarte (1995, p.56), a respeito do sujeito pronominal, à medida que as mulheres passam a utilizar a variante que não é padrão, que é inovadora (nesse caso, o sujeito expresso), não se tem variantes sujeitas a estigma social, e pode-se supor que as mulheres “tomem a ponta do processo de mudança”.

De acordo com os valores apresentados para a expressão do sujeito pronominal em Vitória/ES, podemos ver que pela afirmativa de Duarte no parágrafo anterior, a



expectativa se comprova tal como Labov (2001 *apud* MEYERHOFF, 2006), menciona como *Princípio II*, que corrobora para o fato de que em processos de mudança abaixo do nível de consciência social (*change from below*) as mulheres usam mais as formas inovadoras.

Além disso, por ser um fenômeno que está abaixo do nível da consciência social dos falantes, isto é, não há uma monitoração do próprio falante quanto a sua forma de falar, isto é, o falante não se “prende” à questão do uso ou não do pronome em posição de sujeito na sentença. Para o falante da língua, tanto faz dizer “**Eu** vou ao cinema” (com a posição de sujeito preenchida pelo pronome eu) ou “ \emptyset Vou ao cinema” (com a posição de sujeito vazia \emptyset).

Considerações Finais

Sabendo da importância dos fatores sociais, especificamente, a variável sexo/gênero para os estudos em sociolinguística variacionista, no presente ensaio busquei trazer algumas reflexões relevantes propostas por Meyerhoff (2006) sobre essa temática.

Com este ensaio, certamente não esgotei o assunto e nem é essa a intenção, uma vez que as discussões sobre sexo/gênero na Sociolinguística Variacionista são vigorosas e de certa forma não se encerram aqui-

As principais reflexões propostas por Meyerhoff (2006) parecem apontar caminhos e respostas para algumas questões que foram levantadas, como a questão da terminologia *sexo x gênero* e as questões esboçadas pelos princípios labovianos de mudança abaixo do nível da consciência social (*change from below*) e mudança acima do nível de consciência social (*change from above*).

Ao considerarmos que o fenômeno expressão do sujeito pronominal é abaixo da consciência social dos falantes, podemos comprovar pelos resultados apresentados para o português falado na cidade de Vitória/ES, que as mulheres são apontadas como as responsáveis pelo uso da forma inovadora, apresentando uma frequência de uso de sujeitos pronominais expressos de 72,5% contra 69,0% dos homens.



Sobre a indexação direta e indireta, propostos por Ochs, reforçam cada vez mais o diálogo entre sociolinguística e pragmática na busca pela compreensão a respeito dos papéis sociais exercidos por homens e mulheres.

Referências

DUARTE, Maria Eugênia L. **A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro**. Campinas, Universidade de Campinas, Tese de Doutorado, 1995, 149p.

ECKERT, Penelope. The whole woman: sex and gender differences in variation. *Language Variation and Change*. (1989) 1:245-267. In : MEYERHOFF, Myriam. **Introducing Sociolinguistics**. London, Routledge, 2006.

_____; GINET, Sally McConnell. Think practically and look locally: language and gender as community-based practice. *Annual Review of Anthropology* (1992)21: 461-490. In: MEYERHOFF, Myriam. **Introducing Sociolinguistics**. London, Routledge, 2006.

_____;GINET, Sally McConnell. New generations and explanations in language and gender research. *Language in Society* 2B: (1999) 185-201. In: MEYERHOFF, Myriam. **Introducing Sociolinguistics**. London, Routledge, 2006.

GOFFMAN, Erving. *Forms of Talk*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. (1981), In: MEYERHOFF, Myriam. **Introducing Sociolinguistics**. London, Routledge, 2006.

LABOV, William. The intersection of sex and social class in the course of linguistics change.(1990) *Language Variation and Change* 2:205-254 (1990) . In: MEYERHOFF, Myriam. **Introducing Sociolinguistics**. London, Routledge, 2006.

_____. *Principles of Linguistic Change: Social Factor*. (2001).Oxford: Blackwell. . In: MEYERHOFF, Myriam. **Introducing Sociolinguistics**. London, Routledge, 2006.

LAKOFF, Robin .*Language and Woman's Place: Text and Commentaries*. (Revised and expanded edition, edited by Mary Bucholtz). New York/Oxford:Oxford University



Press (2004). In: MEYERHOFF, Myriam. **Introducing Sociolinguistics**. London, Routledge, 2006.

MEYERHOFF, Myriam. Gender. In. MEYERHOFF, Myriam. **Introducing Sociolinguistics**, London, Routledge, 2006, p. 201 – 237.

OCHS, Elinor .Indexing gender. In: DURANTI, Alessandro; GOODWIN, Charles. (eds) *Rethinking Context: Language and Linguistics* (2nd edn). Oxford:Elsevier, (1992) vol.13,319-326. In: MEYERHOFF, Myriam. **Introducing Sociolinguistics**. London, Routledge, 2006.

PAIVA, Maria da Conceição. Fatores Extralinguísticos: Sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luíza (orgs). **Introdução à Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2004, p.69-73.

PAREDES SILVA, Vera Lúcia. **Cartas cariocas: a variação do sujeito na escrita informal**. 1998. Rio de Janeiro, UFRJ, Tese de Doutorado, 1988, 330p.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, Elen. **Goldvarb X - A multivariate analysis application**. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005.

YACOVENCO, Lilian Coutinho *et al.* **Projeto PortVix: a fala de Vitória/ES em cena**.Revista Alfa, 2012, N. 56 (3): 771-806.

Recebido Para Publicação em 30 de agosto de 2018.

Aprovado Para Publicação em 30 de outubro de 2018.